

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Escola de Ciências Sociais e da Saúde
Curso de Fonoaudiologia

**Habilidades Sintáticas em crianças com Transtorno do
Espectro Autista**

Nycolie Sousa Nunes
Pauliene Arantes da Silva

Goiânia
2023

Nycolie Sousa Nunes
Pauliene Arantes da Silva

Habilidades Sintáticas em crianças com Transtorno do Espectro Autista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Escola de Ciências Sociais da Saúde da PUC Goiás como parte de requisito básico para a conclusão do Curso de Fonoaudiologia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Larissa Toschi

Goiânia
2023

Agradecimentos

Agradecemos a nossa orientadora Larissa Toschi. Nossa sincera gratidão por compartilhar seu conhecimento e experiência e por nos guiar com paciência e dedicação ao longo da elaboração do nosso trabalho. Foi uma experiência incrível contar com sua orientação. Estamos profundamente agradecidas por sua inestimável contribuição.

À banca examinadora por ter aceitado nosso convite e pelo exame atento e criterioso do nosso trabalho.

A todos os professores que, com dedicação e sabedoria, contribuíram para a nossa formação acadêmica e pessoal.

Ao Centro de Desenvolvimento Infantil Caminhando Pela Infância e aos profissionais responsáveis pela instituição por terem aberto as portas para que fosse possível conduzir este estudo, e pelo apoio dado durante o processo.

Aos pais das crianças participantes pela ajuda, interesse e pronto consentimento e contribuição ao nosso estudo.

Aos nossos familiares, principalmente nossos pais, que nos incentivaram a cada momento e não nos permitiram desistir.

Gostaríamos de expressar nossa gratidão especial ao Talys e Zander, pela paciência e apoio inestimável em todas as etapas da graduação. O cuidado e companheirismo que demonstraram diariamente foram elementos cruciais em nossa jornada.

Resumo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que impacta a comunicação, interação social e gera comportamentos restritos e repetitivos. O atraso na linguagem consiste em um dos primeiros sinais observados. Os aspectos fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos são componentes da linguagem que podem ser afetados. Estudos ressaltam a relevância da avaliação das dificuldades pragmáticas, consideradas critérios diagnósticos do autismo. No entanto, é essencial conhecer como outros aspectos linguísticos podem se manifestar no TEA. **Objetivo:** Avaliar o desempenho sintático de crianças com diagnóstico de TEA. **Método:** Pesquisa analítica, qualitativa, observacional, não interventiva e transversal com crianças TEA, com idade de 5 a 8 anos, que frequentam o Centro de Desenvolvimento Infantil Caminhando Pela Infância em Goiânia, mediante narrativa com sequência de imagens como apoio visual para reprodução oral. **Resultados:** Foi possível observar que as crianças com TEA apresentaram dificuldades em microestrutura (flexão de gênero, repetição de palavras e/ou segmentos e presença de estruturas incomuns) e macroestrutura (utilização de marcador inicial de narrativa, acréscimos e repetição do mesmo elemento de coesão), além de entonação inadequada e dificuldade na manutenção do tema. **Conclusão:** Foi possível identificar dificuldades em microestrutura e em macroestrutura. Não foi possível estabelecer correlação entre o desempenho sintático e a idade cronológica no grupo estudado.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Linguagem; Comunicação; Fonoaudiologia; Desempenho Sintático.

Abstract

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder that impacts communication, social interaction, and generates restricted and repetitive behaviors. Delay in language is one of the first observed signs. Phonological, syntactic, semantic, and pragmatic aspects are language components that may be affected. Studies emphasize the importance of assessing pragmatic difficulties, considered diagnostic criteria for autism. However, it is essential to understand how other linguistic aspects may manifest in ASD. **Objective:** Evaluate the syntactic performance of children diagnosed with ASD. **Method:** Analytical, qualitative, observational, non-interventional, and cross-sectional research with ASD children aged 5 to 8 years, attending the Centro de Desenvolvimento Infantil Caminhando Pela Infância in Goiânia, using a narrative with a sequence of images as visual support for oral reproduction. **Results:** It was observed that children with ASD had difficulties in microstructure (gender inflection, word and/or segment repetition, and the presence of unusual structures) and macrostructure (use of narrative initial marker, additions, and repetition of the same cohesion element), in addition to inappropriate intonation and difficulty in maintaining the theme. **Conclusion:** Difficulties in both microstructure and macrostructure were identified. It was not possible to establish a correlation between syntactic performance and chronological age in the studied group.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Language; Communication; Speech therapy; Syntactic Performance.

1. Introdução

Segundo a *American Psychiatric Association* (APA, 2014), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento que se caracteriza por dificuldades na comunicação e interação social, além de comportamentos restritos e repetitivos. É classificado em três níveis de suporte (com base no grau de comprometimento e na necessidade de apoio externo): O nível 1 de suporte refere-se às pessoas que requerem pouco apoio; o nível 2 de suporte, àquelas que necessitam de suporte substancial; e o nível 3 de suporte às pessoas que necessitam de suporte muito substancial.

A classificação do Transtorno do Espectro Autista passou por modificações ao longo dos anos e à medida que as pesquisas avançavam, a compreensão do autismo evoluía. Tanto o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) quanto a Classificação Internacional de Doenças (CID-11) consideram atualmente o autismo como um único espectro ou categoria, que varia em termos de gravidade e funcionalidade. Ambos os sistemas de classificação utilizam desde 2013 o termo Transtorno do Espectro Autista para nomear o autismo (FERNANDES *et al.*, 2020).

De acordo com o CDC (*Centers for Disease Control and Prevention*, 2023), a incidência do Transtorno do Espectro Autista nos Estados Unidos é, nos dias atuais, de 1 a cada 36 crianças.

O TEA é reconhecido como um distúrbio de início precoce. Se os sinais forem observados desde cedo, o diagnóstico pode ser realizado antes dos três anos de idade. Entretanto, algumas características podem não se manifestar de maneira evidente em tenra idade, sobretudo nos casos que necessitam de menos suporte (ZANOLLA, 2018). O diagnóstico do TEA geralmente é estabelecido por volta dos 4 ou 5 anos de idade, conforme indicado no Manual de Orientação do Transtorno do Espectro do Autismo da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019).

O atraso na linguagem é uma das primeiras características que levam pais a procurarem ajuda e a suspeitarem que a criança pode apresentar tal transtorno. Afinal, de todos os sinais, é o que mais se destaca aos olhos de pessoas leigas (GUIMARÃES, 2022).

Ferraro (2016) afirma que crianças autistas apresentam características específicas de linguagem. Essas características incluem inversão pronominal, em que as crianças utilizam a primeira pessoa do singular em vez da terceira pessoa; ecolalia, que consiste na repetição de palavras; e rigidez de significados.

É possível observar que crianças com TEA formam uma população em que as deficiências individuais são muito diferentes, portanto, é fundamental compreender e abordar cada indivíduo levando em consideração sua singularidade, reconhecendo a variabilidade no perfil cognitivo, emocional, comunicativo e comportamental (FERNANDES, 2006).

Estudo realizado por Pereira (2022) evidencia as alterações linguísticas encontradas nas crianças com TEA. Dentre elas, destaca-se o atraso na aquisição e desenvolvimento da linguagem. A criança com este transtorno pode apresentar comprometimentos linguísticos na morfologia, fonologia, sintaxe, semântica e pragmática, com alterações manifestas tanto em nível receptivo quanto em nível emissivo.

A linguagem de crianças com autismo é bastante diversa, como em qualquer transtorno. Enquanto algumas demonstram comunicação receptiva e expressiva mínima, outras podem desenvolver uma linguagem mais complexa (GUIMARÃES, 2022).

Para Miilher e Fernandes (2009), investigar a linguagem oral de crianças autistas, ainda que desafiante, é um caminho real para a obtenção de dados fidedignos. Estes, por sua vez, serão valiosos para a compreensão do quadro, bem como servirão de norteadores para o processo terapêutico.

Em relação ao *aspecto semântico*, é possível observar dificuldade em compreender e empregar uma linguagem literal ou alusiva, tais como metáforas, ironias e humor, mesmo que não haja dificuldade gramatical e/ou de vocabulário (RIJO, 2015). Estes pontos também são levantados por Freitas (2021), que destaca que crianças autistas possuem dificuldades em compreender sutilezas de linguagem, uma vez que são mais propensas a atribuir significados literais às expressões.

Além disso, déficits semânticos no autismo interferem na organização do léxico e seu acesso na fala espontânea, na compreensão do enunciado e na formação de uma fala coerente (GUIMARÃES, 2022).

Quanto ao *aspecto fonológico*, Guimarães (2022) comenta que as alterações mais evidentes encontradas em crianças com TEA com déficit de linguagem foram as substituições e omissões. Além disso, Torres (2018) identificou duas características acentuadas nas alterações fonológicas neste público: a supressão de fonemas e sílabas.

No que diz respeito ao *aspecto pragmático* de linguagem, há uma série de comportamentos inadequados presentes no repertório de pessoas com TEA, ainda que no nível 1 de suporte. Dentre as complexidades, frequentemente destacam-se a dificuldade no estabelecimento do contato visual, dificuldade em compreender gestos comunicativos e não verbais e a falta do uso de gestos comunicativos. Ainda apresentam dificuldade em manter o tópico de uma conversa, falta de iniciativa social, dificuldade em manter reciprocidade conversacional e dificuldade em ler emoções em expressões faciais. Podem ainda apresentar ausência de prosódia, fala em quantidade exagerada, dificuldades com a coerência do tópico, uso de linguagem tangencial, dificuldades em compreender linguagem abstrata, falta de demonstração de interesse pelos outros, dificuldade com amizades e interesses restritos e repetitivos (FREITAS, 2021).

Pereira (2022) atesta que algumas crianças com TEA podem até possuir intenção comunicativa, contudo enfrentam dificuldades em compreender a troca de turnos, utilizar expressões faciais adequadas e adotar a prosódia adequada ao contexto. Estas dificuldades adicionais tornam ainda mais desafiante a continuidade da comunicação.

Guimarães (2022) relata que o *aspecto pragmático* é frequentemente estudado no contexto do autismo, pois é uma das principais referências utilizadas por profissionais de saúde para diagnosticar este transtorno. Contudo, a autora identificou a necessidade de ampliar a investigação para outros aspectos de linguagem.

Em relação ao *aspecto sintático*, Gibello (2019) comenta que a fala de algumas crianças com TEA pode ser telegráfica e apresentar escassez de coesão. De modo geral, o domínio de estruturas linguísticas flexíveis essenciais para a compreensão da linguagem falada, como pronomes, verbos, adjetivos e conjunções, geralmente está prejudicado na criança com TEA. A autora ainda destaca que pessoas TEA frequentemente têm dificuldade em referir-se a si

mesmas utilizando o pronome "eu", optando, em vez disso, pela terceira pessoa do singular.

Guimarães (2022) observou que crianças com TEA obtiveram desempenho inferior ao de crianças com desenvolvimento típico quanto ao desempenho sintático. De modo geral, apresentam linguagem estereotipada, ecolalia, falta de coerência no discurso e mesmo estruturando frases, estas eram mais curtas e com comprometimentos gramaticais. Por fim, a autora destaca que a avaliação do *aspecto sintático* se faz extremamente necessária para a correta identificação das alterações linguísticas apresentadas por cada criança.

As abordagens teóricas relacionadas ao desenvolvimento narrativo indicam que uma análise da narrativa deve abranger tanto os elementos de macroestrutura quanto o desempenho de microestrutura. A macroestrutura aborda os elementos globais de um texto, isto é, a coerência da narrativa. A análise de microestrutura concentra-se nas estruturas linguísticas menores que se encontram dentro da macroestrutura (HUDSON; SHAPIRO, 1991).

A habilidade narrativa é vista como um componente significativo na avaliação de indivíduos que enfrentam desafios no aspecto pragmático da linguagem, como crianças diagnosticadas com TEA. Crianças com este diagnóstico produzem narrativas menos coerentes em comparação a crianças com o desenvolvimento típico (MINISCALCO *et al.*, 2007). Nesse contexto, Rosa (2022) notou em suas pesquisas que a narração de histórias, quando acompanhada por elementos visuais, tem impactos positivos na avaliação de crianças com TEA.

Conforme destacado por Losh e Gordon (2014), crianças com este diagnóstico podem fazer acréscimo de alguma informação externa à narrativa oral de uma história. Porém essa capacidade não é necessariamente vista como um problema por esses pesquisadores, mas sim como um potencial criativo que pode ser aproveitado e explorado em estratégias de intervenção.

Diante do apresentado é possível perceber que ampliar os estudos de linguagem de crianças com TEA pode beneficiar não só as crianças, mas também os profissionais que trabalham com este público, uma vez que a comunicação é uma das áreas mais afetadas nesta condição. Desta maneira, este trabalho teve como objetivo observar o desempenho sintático de crianças com TEA de 5 a 8 anos do Centro de Desenvolvimento Infantil Caminhando Pela

Infância em Goiânia, suas dificuldades neste aspecto, bem como verificar se há relação entre o desempenho sintático com o avanço da idade das crianças.

2. Método

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética de Pesquisa da PUC Goiás, seguindo as normas da resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e aprovado pelo parecer CAAE 72654523.9.0000.0037.

Tratou-se de uma pesquisa analítica, qualitativa, observacional, não interventiva, transversal, com crianças com diagnóstico de TEA de 5 a 8 anos de idade, alunos do Centro de Desenvolvimento Infantil Caminhando Pela Infância, da cidade de Goiânia.

O Centro de Desenvolvimento Infantil Caminhando Pela Infância funciona como escola particular de ensino regular e como projeto terapêutico fundamentado no modelo DIR/Floortime. Atende crianças típicas e atípicas, possui um espaço de contato com a natureza e salas estruturadas/regulatórias para atividades específicas.

Os pais/responsáveis receberam explicações sobre os objetivos da pesquisa e lhes foi solicitado a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As crianças que participaram da pesquisa assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

O Centro de Desenvolvimento Infantil Caminhando Pela Infância atende 38 crianças. 20 tem o diagnóstico de TEA. Deste total, 15 foram excluídas do estudo pelo fato de a idade não se encaixar aos critérios de inclusão, por ter o diagnóstico de autismo correlacionado a outras condições médicas, ou ainda em decorrência da falta de consentimento dos pais.

Cinco crianças participaram do estudo: Quatro delas classificadas como nível 1 e uma como nível 2 de suporte. As pesquisadoras tiveram acesso aos documentos da instituição que ofereciam dados sobre o diagnóstico e acompanhamentos.

A coleta de dados foi realizada individualmente em uma sala designada pela coordenação da instituição. O instrumento utilizado para avaliação era composto de 6 pranchas de imagens de fragmentos da história do livro "O dia a

dia de Dadá" de Marcelo Xavier, da editora Formato, de maneira que possibilitasse um discurso com início, meio e fim. O procedimento incluiu a narração da história pela examinadora uma única vez, utilizando as imagens como apoio visual. Em seguida, foi solicitado que a criança fizesse uma reprodução oral da mesma.

O tempo de aplicação variou entre 15 e 20 minutos. As avaliações foram gravadas, transcritas e os dados foram avaliados quanto à micro e macroestruturas do discurso, sugeridos por Braz e Pellicciotti (1988) no Exame de Linguagem Tipiti.

3. Resultados

A caracterização detalhada da amostra das crianças investigadas está apresentada na tabela abaixo. Foram coletadas informações como idade, nível de suporte, tempo de diagnóstico e o tempo de acompanhamento fonoaudiológico.

Tabela 1 - Caracterização da Amostra

Caracterização da Amostra					
	Idade	Nível de suporte	Tempo de diagnóstico	Tempo de acompanhamento fonoaudiológico	Frequenta o Centro e outra escola
S1	5 anos e 10 meses	Nível 1	3 anos	3 anos	Não
S2	6 anos e 1 mês	Nível 1	2 anos	2 anos	Sim
S3	6 anos e 1 mês	Nível 1	3 anos	3 anos	Sim
S4	6 anos e 4 meses	Nível 2	4 anos	4 anos	Sim
S5	6 anos e 8 meses	Nível 1	2 anos	2 anos	Sim

Dos participantes da pesquisa, 100% eram do sexo masculino e tinham entre 5 anos e 10 meses a 6 anos e 8 meses de idade. 80% da amostra tinham 6 anos de idade e 20%, 5. Todos os participantes fazem acompanhamento fonoaudiológico há mais de dois anos.

Os dados coletados foram organizados na tabela 2 e 3, relativas respectivamente ao desempenho em micro e macroestrutura.

Tabela 2 - Desempenho em Microestrutura

Microestrutura																	
Idade	Utilização de frases simples		Utilização de frases complexas		Dificuldades no uso de conectivos		Dificuldades na flexão de gênero		Dificuldades na concordância verbal		Dificuldades na concordância nominal		Repetições de palavras e/ou segmentos		Estruturas incomuns		
	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	
S1	5	x		x		x	x			x	x		x		x		
S2	6	x			x			x		x		x		x			
S3	6	x		x		x	x			x		x		x		x	
S4	6	x		x		x	x		x			x		x			
S5	6	x		x		x		x		x		x		x		x	
Total		100%	0%	80%	20%	40%	60%	60%	40%	20%	80%	20%	80%	100%	0%	60%	40%

Todas as crianças da amostra estruturaram frases simples, contudo 80% conseguiram estruturar frases complexas. 40% enfrentaram dificuldades no uso de conectivos, cometendo o erro de utilizá-los de maneira inadequada. (Exemplos: S4 “A *Dadazinha acordou e com o gatinho acordou e quando tiveram na escola.*” / S5 “*Eles já foram tomar café da manhã, a Dadá, o gato na mesona e a Dadazinha e na mesinha.*”)

60% das crianças apresentaram dificuldade na flexão de gênero. (Exemplos: S1 “*Era uma vez a Dadá, o gato e a Dadazinha, elas foram lá.*” / S3 “*E elas estavam tomando café da manhã.*” / S4 “*E a Dadazinha foi na escola, e quantas formas e quando ele ficou na escola.*”)

Os resultados da avaliação demonstraram que as crianças tiveram um desempenho positivo no que diz respeito às concordâncias verbais e nominais.

Todas as crianças apresentaram tendência em repetir palavras ou segmentos enquanto narravam a história. (Exemplos: S1 “*E aí até os quadro aqui e aí o café, e aí o gato um café e a Dadazinha um café.*” / S2 “*O café da manhã, o café da manhã tá na mesa e o café da manhã tava na mesa.*” / S3 “*Uma menina que chama Dadá, e ela acordou, acordou. Bom dia, Dadá!*” / S4 “*A Dadazinha acordou e com o gatinho acordou e quando tiveram na escola. E a Dadazinha foi na escola e quantas formas e quando ele ficou na escola. E quando ficou no instrumento e a Dadazinha foi na escola.*” / S5 “*Eles já foram tomar café da manhã, a Dadá o gato na mesona e a Dadazinha e na mesinha, o café da manhã.*”)

Além disso, constatou-se que 60% das crianças apresentaram estruturas incomuns. Estas foram identificadas como aquelas que apresentaram repetições de palavras e erros na conjugação verbal, que causam estranheza no interlocutor (Exemplos: S1 “*E uma Dadazinha apareceu e aí apareceu.*” / *E aí o gato um café e a Dadazinha um café.*” / S2 “*O café da manhã, o café da manhã tá na mesa o café da manhã tava na mesa.*” / S4 “*E quando ele comeu ele vai comer o bolo e quando tivesse tá feliz.*” / “*E a Dadazinha e quando dormiu e quando tá dormindo.*” / “*E quando tá brincando com o brinquedo e quando todo mundo tivesse brincando.*”).

Tabela 3 - Desempenho em Macroestrutura

Macroestrutura													
	Idade	Utilização de marcador inicial		Utilização de marcador final		Apresentação de todos os eventos primários		Acréscimos		Utilização de elementos de coesão		Utilização do mesmo elemento de coesão	
		Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
S1	5 anos e 10 meses	X		X		X		X		X		X	
S2	6 anos e 1 mês		X		X		X	X		X		X	
S3	6 anos e 1 mês		X	X		X			X	X			X
S4	6 anos e 4 meses		X	X			X		X	X		X	
S5	6 anos e 8 meses	X			X	X		X		X			X
Total		40%	60%	60%	40%	60%	40%	60%	40%	100%	0%	60%	40%

A tabela acima revela que 60% dos participantes tiveram dificuldades na utilização de marcador inicial de narrativa. Quando se trata do encerramento da mesma, 60% dos participantes empregaram marcadores para proporcionar o fechamento adequado, enquanto 40% mostraram dificuldades.

No que diz respeito aos eventos primários, 60% relataram a narrativa em sua completude. 60% dos participantes acrescentaram eventos (Exemplos: S1 “*A Dadá, o gato e a Dadazinha, e agora, agora, **todo mundo morreu.***” / S2 “*Depois eles foram para o **parque da tarde.***” / S4 “***Tem alguém espionando os alunos e a professora tá fazendo a aula.***” / “*Até que eles saíram da escola e eles foram brincar com os brinquedos e depois eles **jogaram vídeo game.***”)

100% das crianças fizeram uso de elementos de coesão para unir frases e ações. Embora todos tenham feito este uso, pode-se dizer que os conectores utilizados eram repetidos. 60% utilizaram somente a expressão “*e aí*”, 40%

empregaram “e depois” e 20% usaram inadequadamente “e quando”. (Exemplos: S1 “Eles tomaram café, e aí comeram bolo de chocolate, e aí pegou uma faca e aí pegou um pedacinho de bolo.” / S2 “**E depois** todos foram direto para a aula de música, e **depois** eles foram pro parque, e **depois** na noite e **depois** meia-noite eles dormiram.” / S4 “**E quando** ele comeu ele vai comer o bolo e **quando** tivesse tá feliz e **quando** ficou no instrumento.”)

Tabela 4 - Outras dificuldades

Outras Dificuldades									
	Idade	Apresentou prosódia adequada		Necessitou de interferências		Apresentou dificuldade em iniciar o reconto		Apresentou dificuldade em manter o tema	
		Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
S1	5 anos e 10 meses		x	x			x	x	
S2	6 anos e 1 mês		x	x		x		x	
S3	6 anos e 1 mês	x			x		x		x
S4	6 anos e 4 meses		x	x			x	x	
S5	6 anos e 8 meses		x	x			x	x	
Total		20%	80%	80%	20%	20%	80%	80%	20%

Durante a aplicação da avaliação, outras dificuldades que ultrapassam o âmbito de micro e macroestrutura foram observadas. Percebeu-se ausência de variação na voz de 80% dos participantes, resultando em um tom monótono durante a narrativa.

Houve necessidade de realizar interferências para que algumas crianças se mantivessem na atividade de reconto. As pesquisadoras adotaram estratégias previamente estabelecidas que incluíam o uso de interjeições como "ãh" "me conta mais" e a frase "e o que aconteceu aqui?". No entanto, mesmo com esses recursos auxiliares, a maioria dos participantes enfrentou desafios durante o reconto, encontrando dificuldades em manter o tema.

4. Análise

Os resultados mostram que todas as crianças avaliadas receberam o diagnóstico precocemente, o que evidencia um dado importante na amostra, pois o diagnóstico do TEA ocorre, em média, aos 4 ou 5 anos de idade, conforme

relatado no Manual de Orientação do Transtorno do Espectro do Autismo da Sociedade Brasileira de Pediatria (2019).

Outro dado relevante é que todos os participantes encontram-se há mais de dois anos em tratamento fonoaudiológico. Certamente este fato contribui para o desenvolvimento da linguagem das crianças avaliadas. Ferraro (2016) destaca que as crianças com TEA geralmente requerem intervenções a longo prazo. Sabe-se também que o início precoce das intervenções evidencia melhores resultados.

Em nosso estudo, ainda que tenha ocorrido dificuldade na manutenção de tema, todas as crianças conseguiram realizar a prova. É provável que a escolha do instrumento com a presença de imagens tenha contribuído para que as crianças organizassem melhor sua narrativa. Rosa (2022) destacou que o desempenho de narrar uma história com o apoio de figuras em sequência em grupos de crianças com TEA foi superior quando comparado aos resultados com recursos de uma única figura.

No que diz respeito às dimensões micro e macroestruturais da narrativa, foi possível identificar áreas de dificuldades na amostra. Em microestrutura, as principais dificuldades foram: erros de flexão de gênero, repetição de palavras e/ou segmentos e a presença de estruturas incomuns. Em macroestrutura foram: falta de marcador inicial de narrativa, acréscimos e a repetição do mesmo elemento de coesão. Tanto micro quanto macroestrutura têm sido reportadas na literatura como prejudicadas, como pode ser confirmado em trabalhos de Ferraro (2016), Gibello (2019), Guimarães (2022), que destacam que sintaticamente a fala de algumas crianças TEA podem apresentar escassez de coesão e coerência, resultando num discurso comprometido.

De acordo com os resultados obtidos, 80% das crianças investigadas demonstraram a capacidade de formular frases complexas. O número de elementos não foi um problema para a estrutura do grupo investigado. Este é um achado que contrasta com os estudos de Guimarães (2022), que indicam que, embora as crianças com TEA possam estruturar sentenças, estas tendem a ser mais simples, resultando em uma limitação no desenvolvimento discursivo.

Losh e Gordon (2014) demonstram que crianças com TEA têm a capacidade de acrescentar eventos e expandir suas narrativas. Tais achados são compatíveis com os resultados encontrados, pois 60% dos participantes

acrescentaram eventos, que segundo os autores podem ser interpretados não necessariamente como um problema. Para eles, a capacidade de adicionar informações e expandir narrativas pode indicar um potencial criativo, com possibilidades de ser aproveitado e explorado em estratégias de intervenção.

Não foi possível estabelecer a correlação entre o desempenho sintático e idade cronológica, uma vez que os achados não mostraram diferenças relevantes entre idades.

Os resultados do bom desempenho geral observados no estudo podem ser justificados por vários motivos: O tempo precoce do diagnóstico, o fato de estas crianças estarem em atendimento fonoaudiológico há mais de dois anos, de não apresentarem outras deficiências associadas ao TEA, além de serem classificadas, em sua maioria, como nível 1 de suporte e frequentarem a escola regularmente.

Rosa (2022) comparou o desempenho na compreensão e na produção da narrativa oral de histórias de crianças e adolescentes com TEA sem DI, classificadas no nível 1 de suporte, ao desempenho de crianças e adolescentes com desenvolvimento típico de linguagem oral. Encontrou resultados semelhantes entre o grupo TEA e o grupo controle.

5. Conclusão

Após o levantamento da estruturação frasal e do discurso de crianças foi possível identificar dificuldades em microestrutura e em macroestrutura. Neste estudo não houve identificação de correlação entre o desempenho sintático e a idade cronológica no grupo de crianças diagnosticadas com TEA.

A pesquisa realizada proporcionou informações valiosas sobre as características sintáticas presentes na linguagem das crianças com TEA. É imperativo reconhecer a necessidade de estudos subsequentes com amostras maiores para validar e ampliar tais achados. De toda maneira, estudar e compreender as particularidades na frase e no discurso deste público pode ser fundamental para nortear processos terapêuticos.

6. Referências Bibliográficas

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Artmed Editora, Porto Alegre, 2014.

BRAZ H.A; PELLICCIOTTI T.H.F. **Exame de Linguagem Tipiti**. ed. MNJ LTDA, São Paulo, 1988.

BOTTING, Nicola. Narrative as a tool for the assessment of linguistic and pragmatic impairments. **Child language teaching and therapy**, v. 18, n. 1, p. 1-21, 2002.

CDC - Centers for Disease Control and Prevention. **Autism Prevalence Higher, According to Data from 11 ADDM Communities**. 2023. Disponível em: <https://www.cdc.gov/media>. Acesso em: 15 de maio de 2023.

DELFRATE, B.C. *et al.* **A aquisição de linguagem na criança com Autismo: um estudo de caso**. Psicologia em estudo, Maringá, v.14, n.2, p.321-331, 2009.

EIGSTI, I.M; BENNETO, L; DADLANI, M.B. Beyond Pragmatics: Morphosyntactic Development In Autism. **Journal of Autism and Developmental Disorders**. p. 37, 1007-1023, 2007.

FERNANDES, C.S; TOMAZELLI, J; GIRIANELLI, V.R. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. **Psicologia USP**, v. 31, 2020.

FERNANDES, F.M. Análise de funções comunicativas expressas por terapeutas e pacientes do espectro autístico. **PRÓ-FONO- Revista de atualização científica**, v.18, n.3, p. 239-248, 2006.

FERRARO, L.I.G. **Perfil funcional da comunicação e desempenho sócio-cognitivo em crianças com diferentes apresentações de autismo**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em tecnologias em saúde, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2016.

FREITAS, F.A.F. et al. Habilidades comunicativas em crianças com transtorno do espectro autista: percepção clínica e familiar. **Revista CEFAC**. v. 23, 2021.

GIBELLO, I.R. **Compreensão de expressões idiomáticas no espectro do autismo**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, Bauru, 2019.

GUIMARÃES, L.C.B. **Habilidades linguísticas em crianças pré-escolares no espectro autista: rastreio de dificuldades gramaticais em tarefas de compreensão**. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, PUC – Rio, Rio de Janeiro, 2022.

HUDSON, J.A; SHAPIRO, L.R. From knowing to telling: The development of children's scripts, stories and personal narratives. Em A. McCabe & C. Peterson (Eds.), **Developing Narrative Structure**, p. 89-136. Lawrence Erlbaum Associates, 1991.

LOSH, M; GORDON, P.C. Quantifying narrative ability in autism spectrum disorder: a computational linguistic analysis of narrative coherence. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, 2014.

MILHER, L.P; FERNANDES, F.D.M. Habilidades pragmáticas, vocabulares e gramaticais em crianças com transtornos do espectro autístico. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, p. 309-314. 2009.

MINISCALCO, C; HAGBERG, B; KADESJO, B; WESTERLUND, M; GILLBERG, C. Narrative skills, cognitive profiles and neuropsychiatric disorders in 7–8-yearold children with late developing language. **International Journal of Language and Communication Disorders**, v.42, p. 665-681, 2007.

PEREIRA, J.E.A; SANTOS, A.C.S; LEITE, G.A; XAVIER, I.A.L.N; MONTENEGRO, A.C.A. Habilidades comunicativas de crianças com autismo. **Distúrbios da Comunicação**, [S. l.], v. 34, n. 2, p. e54122, 2022.

RIJO, A.S.G. **Alteração na capacidade de comunicação verbal e não verbal nas Pertubações do Espectro do Autismo**. Curso de Medicina, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar Universidade do Porto, Porto, 2015.

ROSA, K.G. **Narrativa oral de histórias em crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista sem deficiência intelectual**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação Transtorno do Espectro do Autismo**. p. 1-24, 2019. Disponível em <https://www.sbp.com.br>. Acesso em: 15 de junho de 2023.

TORRES, J.C; LEÓN, H; FIGUEROA, M. Desempeño fonético-fonológico en niños con Trastorno del Espectro Autista (TEA) de pre-kínder a tercero básico. **Revista Chilena de Fonoaudiología**, v. 17, p. 1-18, 2018.

XAVIER, Marcelo. **O Dia-A-Dia de Dadá**. Editora Formato, 2005.

ZANOLLA, T. A. et al. **Causas genéticas, epigênicas e ambientais do transtorno do espectro autista**. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, v. 15, n. 2. p. 29-42, 2018.